

VOZ DA VERDADE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

Publica-se uma vez por semana (quinta-feira), na typographia de José Joaquim Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se recebem assignaturas por um anno a 6\$000 reis, pagamento no acto de assignar; quem receber a folha por via do correio pagará mais 500 reis.

Anno I

Besterro—Quinta-feira 14 de Outubro de 1869.

N. 28

VOZ DA VERDADE.

A *Regeneração* não tem feito uma opposição digna de cavalheiros.

Tem-se invectivado, tem-se detractado, tem-se descido a assoalhar calumnias que revelão em os seus authores consciências bem pouco escrupulosas.

Talvez que, se cruzassemos os braços e deixassemos, mudos e impassiveis, os escriptores daquelle periodico esgotarem o vocabulario das injurias — talvez que voltasse-lhes a calma com a saciedade do insulto.

Não havemos porem de authorisar com o nosso silencio as graves arguições que ahí estão a fazer á honra dos nossos amigos. O silencio fôra cobardia.

Cumpra pois responder e reagir contra essa opposição que traz suspensas as leis da moral e do dever.

Temos fortemente censurado a maneira brutal e asselvajada, porque tem sido detractado o respeitavel septuagenario que presentemente dirige os destinos desta provincia. Repelliremos agora com toda a força de que somos capazes, a injuria irrogada ao magistrado (cujo nome o articulista teve o cuidado de não declinar), que em sua longa carreira, d'entre os energumenos com que se tem encontrado, só ultimamente deparou um que teve o desplante de qualificar o de *venal*. Referimo-nos ao auctor do artigo edictorial da *Regeneração* n. 112.

Mette dó aquelle desforço de criança! Vê-se que o que quiz o articulista foi magoar profundamente o magistrado a que alludio. Pensou de si para si que, para chegar á este resultado, nada melhor tinha a fazer do que feril-o no ponto o mais melindroso da sua honra; e eis-o — pobre coitado, — sem adduzir uma prova, sem allegar um facto, a taxar de *venal* á esse magistrado.

Não sabemos si o articulista, relendo o que escreveu, corou ou riu se daquelle topico. Como porem desabafos ha que um homem de honra se não permite, é provavel que á socapa tenha-se rido e zombado do seu proprio cynismo.

Não precisamos mostrar a falsidade de tão aleivosa accusação. A vida publica desse funcionario tem sido, até a presente data, rigorosamente inquirida, esquadrinha-la em todos os sentidos. Todos os seus actos tem vindo á imprensa e sido commentados *ex abundanti* pelos seus des-

affectos que, noite e dia, trazem os olhos postos em S. S.

Entretanto ainda nenhum delles teve a lembrança infeliz de emprestar actos de *venalidade* á es-e magistrado, respeitão sempre a sua probidade; mesmo por que si se abalançassem a desmentil-a, ver-se-tão reduzidos a fazer uma asserção vaga, desacompanhada de factos comprobatorios.

A gloria do descobrimento dos taes actos de *venalidade* (que ninguém sabe quaes são) estava pois reservada á esse pobre homem da *Regeneração*, gloria que de certo ninguém lhe invejará.

Uma vez porem que o articulista vestio a pelle de lobo, estamos em nosso direito provocando-o, como agora o provocamos, a que precise a accusação, articulando os factos que a comprovão.

O articulista tem um periodico á sua disposição, conhece por miudo os factos da vida publica desse funcionario, a lei o garante, permittindo-lhe a demonstração da proposição que avançou; formule pois o seu libello, certo de que, si o não fizer, ha de ser tido pelo que realmente é — um desprezível calumniador.

E quem sabe?... talvez seja o articulista esse advogado que, como é publico e notorio, abusando de suas relações de amizade com o Sr. Dr. Adolpho de Barros, obteve de S. Ex. dispensas do serviço da guerra para recrutas e guardas nacionaes designados que nenhuma isenção tinham, exigindo em recompensa de tão bons serviços 100\$ e até 300\$ rs.

Actos que taes não serão de *venalidade*, mas são sem duvida alguma de *corrupção*, dignos de serem punidos e de feito punidos por muitos codigos estrangeiros.

Quem sabe?... repetimos. Talvez seja essa creatura *immaculada* quem atirou a pedra ao magistrado incorrupto e incorruptivel. . . .

Defenda-se pois o articulista.

Não terminaremos sem fazer uma pequena observação a respeito do topico do mesmo artigo, em que o seu auctor enche-se de horror, attentando para o *sangue que a revolução salpicou na toga daquelle magistrado*.

Esqueceo-lhe porem que es-e sangue proveio da mesma fonte que o que tingio a toga do desembargador Nunes Machado e a farda de Pedro Ivo, cujo memoria não deve ser amaldiçoada pelos que hoje se dizem seus correligionarios.

O rasgo theatral do articulista foi pois infeliz, e tanto mais inconveniente quanto um seu collega, cuja *veja epica* é incontestavel, tendo inopportunamente evocada, na columna immediata, os manes de Nunes e Pedro Ivo, tiveram esses vultos magnanimos de presenciar o horror sagrado que fez estremecer o articulista ao dar com os olhos naquelle toga tincta no sangue das victimas da revolução de 48.

Como sois imprudentes em despertar de seu somno de morte os heróes de 48!

Se esses vultos se reanimassem e volvessem dos seus jazigos, de certo que com olhos vesgos olharião para vós que estragastes as searas do partido liberal, e por tal forma o desprestigiastes que o deixastes inutilisado por largos annos para a governança.

E' uma illusão vossa e que talvez aliamenteis por adormecer remorsos, o suppordeis que o odio desses heróes teria por objecto os homens que, durante o dominio *progressista*, mantiveram-se firmes em seus postos e, decahida esta situação, recusarão-se, por um bem entendido sentimento de dignidade, á fazer junção com os que deslealmente os perseguirão, seu odio, sim, recahiria sobre esse bando de adventicios capitaneados por alguns transfugas das fileiras conservadoras que, tendo subido ao poder em nome das idéas liberaes, longe de traduzil-as em leis, mantiveram o *statu quo* e legaram aos seus adversarios a gloria da reforma, tendo vergonhosamente desperdiçado um tempo precioso em guerrear os Urbanos e os Ottonis, liberaes de velha data e que são a honra, o brilho e a gloria do partido á que pertencem.

O *verdict* que aquelles heróes proferissem, não seria menos severo que o que a vosso respeito, ha de a historia proferir.

O manifest'o do centro liberal terminou com estas ameaçadoras palavras:

— Ou as reformas ou a revolução. —

Mal avisados estavam os illustres assignatarios dessa peça digna de eternas luminarias. Elles se havião illudido completamente a respeito da opinião geral do povo brasileiro: suppunhão-no nas condições em que se achou na epoca da abdicação, disposto a se lançar nos braços de meia duzia de ambiciosos da corte do

Imperio, acostumados a enviar ás provincias aventureiros estonteados, para promoverem a desordem entre o povo incauto, sempre facil a ouvir essa gente de sacco e botija, de que o mundo está farto. Mas a triste lição do passado o poz de sobre aviso, acatelando-se das silladas dessas aves de arribação, o que tem con-corrído para malograr em-se os planos facciosos, combinados por esses liberaes genuinos, que seguem o adagio: — metter os cães na moula e pôr-se de fóra — que é o mesmo que dizer:

« Façam a revolução, exponhão-se ás consequências; se os resultados forem felizes, nós n-os aproveitaremos das vantagens, ao contrario, ficaremos em paz, porque já o ocupamos posições elevadas. »

Esta tem sido constantemente a praxe seguida pelos revolucionarios da corte do Imperio, e se não que respondão os mandantes da Sabinada na cidade de S. Salvador, em 1835 ou 36, e depois a de Pernambuco, em 1848, onde succumbirão Nunes Machado e outros.

Os revolucionarios, tendo promettido aos seus adeptos, na corte e nas provincias, dar com o governo conservador em terra, pondo em acção os recursos de que dispõem, tanto pela imprensa, como pela tribuna senatorial, o que não têm podido conseguir pela energia do governo; procuraram protelar as discussões no senado da lei do orçamento; mas o governo que conhece a manha dos taes genuinos, tem acompanhado habilmente o movimento dos facciosos no senado. Prorogações sobre prorogações vai decretando, para que elles tenham tempo bastante para formular accusações, e que accusações!.... Sem base, que só manifestão despeito, ambição de poderio e maldade. Mas suas pretensões, os esforços que não fazem, serão infructiferos, porque o governo conservador vai-se mantendo, e se manterá por muito tempo no seu posto, confiado pelo Monarcha, em Julho de 1868.

As linhas que ficão traçadas, forão-nos suggeridas pela leitura das interpellações do illustrado deputado, o Sr. Costa Pinto, na sessão da camara temporaria de 2 do corrente mez de Outubro, e a resposta muito cathetica do Sr. Ministro do Imperio, que por acharmos ambos os discursos de elevada importancia e de subido merito, aqui transcrevemos, chamando para elles a attenção dos leitores da *Voz da Verdade*.

Apreciem-os bem, e digão-nos em consciencia se é ou não fatal desengano para essa pobre gente que está á espera das **scholas do Egypto**.

INTERPELLAÇÃO: O Sr. Costa Pinto (para uma interpellação):—Sr. presidente, pedia palavra para solicitar de qualquer dos nobres ministros presentes algumas explicações sobre factos que se tem ultimamente dado.

Não pareça estranho que seja um amigo leal e certo (apoiados) do actual gabinete quem levante esta questão. Confes-

so-me amigo, mas mesmo porque sou amigo do gabinete e amigo sem pretensões, nem ambições, ainda mesmo das altas posições tão dignamente occupadas julgo-me com direito de exigir, em nome do paiz e da unanimidade desta camara (apoiados), que com tanto afino e desinteresse tem apoiado o gabinete (muitos apoiados), explicações francas e muito claras. (Muitos apoiados).

Os dois pontos sobre que peço explicações são: 1.º, se existe divergencia entre membros do gabinete, como se tem procurado inculcar não só da parte da opposição, como mesmo da parte da imprensa que se diz amiga do governo; 2.º, se é verdade que o gabinete está resolvido a deixar o poder quando a minoria do senado, ou pelo uso da palavra, ou pelo abuso da protellação (apoiados), faça com que o paiz fique sem os recursos legais necessarios para a gestão dos negocios publicos.

O Sr. PEREIRA DA SILVA:—Não é possível, seria faltar aos seus deveres.

O Sr. COSTA PINTO:—Entretanto ainda hoje de darou-se isso pela imprensa, e foi uma folha, se não official, officiosa, que appellou para um dito attribuido ao nobre presidente do conselho...

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO:—Peço a palavra.

O Sr. COSTA PINTO:—...pretendendo que o nobre visconde de Itaboraí declarara que não podia governar o paiz sem lei do orçamento.

Não acredito, Sr. presidente, que haja divergencia entre os membros do gabinete; não o acredito, porque o gabinete existe; entre cidadãos tão conspícuos, tão dedicados, ainda nas épocas de provanca, não se pôde admitir que o amor do poder os fizesse um só instante esquecer seus deveres e dignidade; as circumstancias do paiz são tuas que, homens dignos como elles são, só por sacrificio, só por mero patriotismo pôdem continuar a gerir os negocios publicos (muitos apoiados); outras causas não influem, não pôdem influir. (Apoiados.) Se elles fossem menos dignos, poderiam aproveitar-se da primeira aberta que se lhes offerecesse para largarem o poder, que se é posto de honra, também o é de espinhos e de acerbos sacrificios. (Apoiados.)

Mas se os cavalheiros que compõem o gabinete continuão no poder, é porque não ha divergencia entre elles. Nem podem pequeninas questões, levantadas pela opposição, e exploradas para fins conhecidos, fazer com que se retire um gabinete que reane todas as condições de existencia.

Entretanto, em meu nome e em nome da camara, que tem apoiado com tanta dedicação o ministerio (muitos apoiados), e que está dando ainda uma prova da sua dedicação reunindo-se hoje, quasi um mez depois de passar o tempo dos seus trabalhos regulares (apoiados), que está prompta, até onde fôr necessario, a cumprir o seu dever (muitos apoiados), devo solicitar do governo explicações francas, que desvanecção de uma vez esses boatos que se têm propalado. (Apoiados.)

Sobre o segundo ponto desejo também explicação muito franca e categorica; porque se ha quem queira levar o paiz á anarchia e á revolução, não pôde ser o governo, e governo sahido do seio do partido conservador. (Muitos apoiados.)

Qualquer que seja o procedimento da minoria do senado, ou protelando as discussões, ou retirando-se para suas provin-

cias, ou deixando de comparecer ás sessões, de modo que não haja orçamento, os nobres ministros têm obrigação restricta de ficar no poder. (Apoiados.)

Nem outro podia ser o procedimento do governo. A quem ha de entregar o poder? Aos adversarios, que não têm por si a opinião publica? (Muitos apoiados.) Se tivessem por si o paiz, já tinham feito a revolução (apoiados), elles não a têm feito por que não têm podido. (Apoiados.)

A opposição, que não tem por si a camara nem a maioria do senado, por certo que não pôde governar. (Apoiados.)

E depois, este paiz e esta situação hão de ficar á mercê de alguns senadores, só porque o regimento do senado não dá o direito de terminar a discussão, quando della não ha mais necessidade?

O Sr. CORRÊA:—Se se tratasse de uma minoria na camara dos deputados, não podia dar-se questão identica.

O Sr. COSTA PINTO:—Lembra bem o nobre deputado; uma minoria nesta camara ainda que numerosa, não poderia embarcar o direito da maioria de conceder ao ministerio as leis governamentais, ainda que quizesse discutir cinco e seis vezes a reintegração de um thesoureiro da thesauraria de Pernambuco em todos os orçamentos, e até por occasião da fixação das forças de terra.

O Sr. CRUZ MACHADO:—E' preciso que o regimento do senado faça effectivo o direito da maioria.

O Sr. COSTA PINTO:—Tendo pedido a palavra, Sr. presidente, pelas razões expandidas, permitta-se-me fallar por mim tão somente.

Tem-se fallado em transacções: eu admitto também no systema representativo a possibilidade de transacções, mas transacções com quem se possa e deva fazê-las. (Apoiados.)

Entendo que quando a maioria do senado fôr infusa a qualquer das medidas votadas pela camara pode dar-se transacção, annunciando a camara dos deputados ás idéas da maioria do senado, que é um corpo tão respeitavel, tão digno, com tantos direitos como a camara dos deputados. (Apoiados.)

Mas não se dá o mesmo caso tratando-se de alguns senadores que, não podendo decidir das questões pelo voto, procurão fazê-lo pelo abuso da palavra (apoiados) e que, se hoje exigem a retirada de tres ou quatro additivos, amanhã dirão: retire-se o gabinete, porque não lhe damos meios de existencia! (Apoiados.)

Tem-se a proposito de transacções, apontado o exemplo de paizes regidos pelo mesmo systema que o nosso, citando-se o que occorreu ultimamente na Inglaterra onde a camara dos commons cedeu a idéas da camara dos lords; mas convem ponderar que cedeu á maioria e não a meia duzia de lords. Estou certo de que assim não succederia, se se tratasse de ceder a uma minoria com coragem bastante para fallar sobre tudo e sobre todas as cousas...

O Sr. CORELHO RODRIGUES:—De omnia scibilli...

O Sr. COSTA PINTO:—...impedindo a resolução das questões.

Para tratar de combinação entre as majorias das camaras convem ter em vista o sentimento que as anima, e particularmente, no caso em questão, o da maioria desta camara, amigos dedicados, mas que não são servos da gleba. (Muitos apoiados.)

Como dizer a essa maioria: reduzi os meios que nos destes, porque alguns senadores assim o querem? Ora isto...

O SR. CRUZ MACHADO:—E' irrisorio.

O SR. COSTA PINTO:—... é realmente irrisorio.

O SR. CORRÊA:—E note V. Ex. que os creditos extraordinarios já foram concedidos; a demora é na concessão dos recursos ordinarios.

O SR. COSTA PINTO:—Exigindo estas explicações, não quero azedar a discussão; procuro clarear o horisonte, para que todos vejam o céu limpo e sem nuvens.

Tendo feito este pedido aos nobres ministros, espero que algum d'elles dignar-se-ha responder, e creio que um já pediu a palavra: aguardo as suas informações. (Muito bem.)

O SR. PRESIDENTE:—O nobre deputado formulou dois pontos de interpellação, eu os aceito verbalmente; e como o nobre ministro do imperio já pediu a palavra, não é necessario votação da casa, na forma do regimento.

Tem a palavra o Sr. ministro do imperio.

O SR. PAULINO DE SOUZA (ministro do imperio):—Accedendo de muito bom grado aos desejos do nobre deputado pela provincia de S. Paulo, vou dar as explicações que as palavras ha pouco proferidas tiveram por fim provocar. Fa-lo-hei com toda a franqueza, porque, além de ser um dever, tem sido sempre o meu costume.

O facto de uma tentativa mallograda de accordo entre a minoria do senado e o gabinete tem sido explorado por diversos modos, como affirmou o nobre deputado, no intuito de fazer crer que existem divergencias entre membros do ministerio. Já hontem no senado o meu illustre collega, o Sr. ministro da marinha, deu as convenientes explicações.

E foram tão completas e satisfactorias (apoiados), que eu nada accrescentaria ao que disse aquelle distincto cavalheiro, louvando-me inteiramente em suas palavras, se além de ir prevalecendo entre nós a ficção parlamentar ingleza de não regular para uma camara o que se diz na outra, não fosse expressamente convidado a pronunciar-me sobre o assumpto.

Uma vantagem pessoal têm, Sr. presidente, colhido nos quatorze mezes e meio de existencia do gabinete os ministros de 16 de Julho, e é a de verem crescer e cada dia consolidar-se mais a estima que mutuamente se tribuam.

Os SRS. MINISTROS DA JUSTIÇA E DA AGRICULTURA:—Apoiado.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—Além da mais perfeita cordialidade pessoal, facto este particular, a que porém alludo com a maior satisfação, temos vivido até hoje no mais perfeito accordo, quanto ao pensamento politico do gabinete, sendo as mesmas as idéas de todos, salva uma ou outra apreciação prévia, uma ou outra impressão isolada de momento, que desaparece para dar lugar ao pensamento harmonico, homoganeo e solidario do gabinete. (Muito bem)

Esta harmonia de vistas, esta solidariedade de accão grandemente contribue para a força do gabinete, como a da situação politica tem estado e está na firmeza e sincera adhesão dos amigos leaes e dedicados que o sustentão. (Muitos apoiados, muito bem)

A camara sabe, com relação á transacção de que tanto se tem fallado, o como as cousas se passarão. Um illustre senador pela Parahyba, meu particular amigo, no intuito de facilitar, com lucro de tempo, a votação da lei do orçamento, promoveu uma conferencia entre um honrado senador dos mais esforçados da opposição e o illustre Sr. barão de Cotegipe. A proposta feita por parte da opposição foi publicada no órgão do partido liberal na imprensa desta corte, quando hontem deu o resumo de um discurso do Sr. conselheiro Zaccarias.

Ouvindo a proposta da opposição, fez o meu illustre collega o que eu faria, o que faria qualquer dos outros membros do gabinete, pois não ha motivo para se deixar de ouvir e pesar convenientemente qualquer suggestão que tenda a arredar difficuldades. Não seria prudente outro procedimento.

A resposta do nobre ministro da marinha foi a que se podia esperar de sua reconhecida diserção: «Ouvirei meus collegas, e, depois de resolvermos, darei solução.» E a resposta que eu daria, que daria qualquer dos outros ministros que se achasse no caso figurado.

Entendo o gabinete que não podia ser aceita transacção sobre a base proposta, porque para sua realização era necessario acquiescer á separação e consequente desmoralisação de uma medida proposta nesta casa aceita pelo gabinete, e na qual, portanto, o pensamento do governo e o da camara se haviam identificado.

Foi esta a opinião do ministerio: é a do ministro da marinha, a minha, a de todos e de cada um dos ministros, quaesquer que tivessem sido nossas impressões individuais anteriores. Isto disse no senado o meu illustre collega, e eu não estou fazendo mais do que repetir aqui por outras palavras.

O senado tem o direito de destacar, de rejeitar os additivos e quaesquer medidas daqui enviadas; mas o ministerio, promovendo ou adherindo a uma idéa qualquer, que é approvada pela camara, não pôde ir desvirtua-la no senado, acquiescendo á sua condemnação directa ou indirecta. (Apoiados; muito bem) Penso que collocariamos esta augusta camara e nós collocariamos para com ella em uma posição difficil senão insustentavel. (Apoiados; muito bem, muito bem)

Pelo que me diz respeito pessoalmente, se me é licito referir-me á minha impressão individual, tendo sido perante a camara o órgão do pensamento do gabinete sobre a medida de que se trata, pareceu-me estar empenhada a minha lealdade politica no modo de considerar a questão. O meu juizo estava, pois, formado, porque V. Ex. sabe, Sr. Presidente, o dever de lealdade não pôde encontrar no caminho obices ou conveniencias mesmo politicas que se oppõem a seu rigoroso cumprimento. (Muito bem, muito bem)

Como poderia eu vir dizer á camara que o ministerio concordava na separação de um artigo, cuja approvação solicitara? (Apoiados.)

Talvez esteja em erro, mas em occasiões analogas e por maior numero de annos de vida que me conceda a Divina Providencia, o mesmo impeto da mocidade, a que uma folha de hoje attribuiu o meu procedimento, levar-me-ha a pensar e proceder do mesmo modo, sendo este, Sr.

presidente, um dos poucos casos em que, na duvida, antes quero peccar por excesso. (Muitos apoiados; muito bem)

O SR. TRINHEIRA JUNIOR:—Nesse terreno V. Ex. deve e ha de ter sempre o mesmo ardor, quer na mocidade, quer na velhice. (Apoiado)

Um SR. DEPUTADO:—Honra lhe seja feita.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—Motivos muito justificados induzirão o meu illustre collega da marinha, como me induzirão, a não repellir *in limine* qualquer plano tendente a accelerar a votação do orçamento.

O governo deseja, e empregará os meios a seu alcance para ter a lei do orçamento. E se promove a resolução, que prorroga a lei vigente, é porque, além de accelear-se desde logo qualquer eventualidade de difficuldades constitucionaes, o honrado Sr. ministro da fazenda tem pressa em ver decretadas as imposições iniciadas por esta augusta camara, as quaes, recaindo principalmente sobre os artigos de importação desde o 1.º de Janeiro proximo vindouro, devem entrar desde logo nos calculos do commercio, tanto nacional como estrangeiro (apoiados). O governo não pode deixar como que em suspensão e na duvida tantos e tão importantes interesses. (Apoiados.)

Por forma alguma, Sr. presidente, podia eu condemnar como desairoso o facto de entrar-se em preliminares sobre a possibilidade de ser abreviada a passagem do orçamento no senado, e não o faria certamente, tendo intervindo neste negocio cavalheiros tão distinctos e de tanto pondus.

Já o meu illustre collega da marinha, interpellado no senado, deu, e tão fundada quanto espontaneamente, porque não não nos temos encontrado depois do ultimo conselho de ministros, o unico sentido que pôde ter uma phrase de que usei, e que tem servido de estribilho estes ultimos dias.

Quando o nobre deputado pela provincia da Bahia (o Sr. Araujo Góes), asseverava que a resolução em discussão não era effeito de transacção com a minoria do senado, o que confirmei em aparte, dizendo: «Não houve, nem podia haver transacção.» Como tal não podia ser considerada...

O SR. PEREIRA DA SILVA:—Nem a commissão a propria.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—Que não houve transacção, é ponto de que ninguém duvida, e se prova pela ausencia do facto. Não podia haver, porque, tendo-se mallogrado a tentativa de accordo com a opposição, e resolvendo o gabinete fazer iniciar por seus amigos uma medida de que precisava, não tinha o dever, nem necessidade de pedir a acquiescencia de seus adversarios. (Muitos apoiados.)

Senhores, as minorias parlamentares representam um bello e importante papel no regimen representativo, o de fiscalisar os actos do governo, de discutir as questões que se agitam de interesse publico, procurando para suas idéas a adhesão do paiz: têm grande peso nas discussões, não têm, porém, o direito de forçar a solução das questões, que se determinam numericamente.

O SR. CRUZ MACHADO:—E muito menos a iniciativa.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—O gabinete

te ouvirá porventura aquelles que o sustentão, pôde e deverá consultal-os sobre a vantagem de um plano que medite levar a effeito; mas, tendo maioria em ambas as casas do parlamento, a que triste posição não ficaria reduzido se, para fazer iniciar por seus amigos uma medida de governo, tivesse de solicitar prévia licença de seus adversarios? (*Apoiados; muito bem*).

Disse em outra occasião, Sr. presidente, que sou em geral avesso ás transacções, e em verdade, só em casos muito excepcionaes as julgo admissíveis, sendo um delles o que ha pouco citou o nobre deputado por S. Paulo.

Recentemente em Inglaterra, a proposito do bill relativo á igreja da Irlanda, o proprio gabinete, apoiado pela camara dos communs, servio de medianeiro entre essa camara e a dos pares para salvar as idéas capitais de um projecto importante.

Erão, porém, as duas camaras representadas pelas respectivas maiorias que se entendião para salvar em sua essencia uma medida amadurecida na opinião e por ella requerida. Nunca, Sr. presidente, o gabinete britannico, apoiado numericamente nas duas camaras, pediria licença á minoria da camara dos lords para fazer iniciar na dos communs por seus amigos uma medida de governo. (*Apoiados*). O exemplo, como disse bem o nobre deputado, não teria applicação.

O outro ponto da interpellação do honrado membro foi—se é exacto o que diz uma folha diaria sobre a resolução do Sr. visconde de Itaborahy de abandonar a direcção dos negocios publicos si se encerrassem as camaras sem ter sido votada a lei do orçamento.

Não foi semelhante declaração feita na tribuna, ninguém pôde contestar-m'o. Se alguém pretende que o foi em conversação particular, quero ver o protocollo. (*Hilaridade geral*).

O nobre visconde ainda esta manhã asseverou-me que não annunciára tal proposição.

O SR. CORREA.—Contra isto não ha protocollos possiveis.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO.—Nem podia proferi-la, porque, Sr. presidente, se, por defeito seu, o ministerio se sentisse impotente para obter a lei dos meios financeiros, sua retirada seria uma solução constitucional, cedendo o lugar a outro gabinete, que não encontrasse os mesmos embarços.

Não é, porem, esta a hypothese, e sim a de, com todas as forças constitucionaes para governar, achar-se o gabinete, encerradas as camaras, em frente de uma difficuldade, ante a qual iria esbarrar outro qualquer gabinete que se formasse (*muitos apoiados*) e sem os elementos de governo que os factos attestão possuir o actual. A retirada do gabinete não solveria, antes aggravaria a difficuldade.

VOZES.—Seria uma cobardia.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO.—Se um ministerio, com a confiança da corôa, apoiado efficaz e dedicadamente por esta augusta camara, contando maioria de votos no senado, tendo no paiz um partido forte e disciplinado (*muitos apoiados*) para animar-lo, e sustenta-lo na acção (*repetidos apoiados; muito bem*); se o gabinete actual que iniciou em 16 de Julho do anno passado uma politica saudada em todo o Imperio com applausos que o nobre deputa-

do por Pernambuco comparou ás explosões de jubilo de uma festa nacional (*muitos apoiados*); se este gabinete, por que tem contra si uma minoria no senado, recuar ante as difficuldades....

O SR. CANDIDO MENDES.—Faltaria ao seu dever e ao patriotismo. (*Apoiados*.)

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—..... que outro constitucionalmente não poderia vencer; quem, Sr. presidente, respeitando a constituição, se poderia sentir com forças para tomar a responsabilidade do governo deste paiz? (*Muitos apoiados; muito bem, muito bem*.)

(O orador é vivamente felicitado.)

Ninguém mais pedindo a palavra, fica a discussão encerrada.

POESIA.

**A' saudosa memoria do
meo mestre e amigo o
Ilm. Sr. Marcellino
Antonio Dutra, tres
mezes apoz seo in-
fausto passamen-
to.**

POESIA

DEDICADA E OFFERECIDA

d seo extremoso filho o Ilm. Sr. Ovidio
Antonio Dutra.

A' voz do Omnipotente o Globo ergueo-se,
Surgio à Luz, o Céu a Terra e as flores;
Mas o Ser o mais perfeito ao pó prendeo-se,
Tão curta vida e só de angustia e dores!

(BITTENCOURT SAMPAIO)

I.

P'ra que nasceste no mundo
Onde reina a ingratidão?
Genio por Deus inspirado
Colloso de perfeição!
N'este valle de invejosos
Qual era a tua missão?!

Chorar, gemer entre dôres
Desgostos mil affrontar?!
E qual Sol que em negras nuvens
Não pode o brilho mostrar,
Té que as portas do Poente
Sobre elle se vê cerrar?!

Estrella Cathariense
Porque tão cedo fugiste?
D'este Céu onde nasceste
Porque ligeira partiste?!
E' mysterio!—não respondes
E só saudade me assiste!...

Sinto, oh! Deos, saudade vera
Do astro que já luzio—
—Deixando no mundo a sombra
Que na terra s'extinguio,
E que dos Céos—nas paredes
Seo brilho todo sumio!

Foi um genio primoroso
Que primoroso nasceo—
—Era um homem que brioso
Brioso e calmo morreo!
Ai de mim! p'ra fallar n'elle
Bem fraco sinto-me eu!

Da minha lyra tão pobre
Triste som ferir tentei,

Embalde, não tinha cordas
Pensei, tremi, recuei!
E com voz entre-cortada
Este canto recitei:

II.

“Nasceste imbelles no mundo
Animado e branco lyrio,
E na frente de poeta
Singiste a flor do martyrio!

Cresceste depois robusto,
Em teo todo varonil
Sublime se destacava
Da intelligencia—o perfil!!

O mundo ingrato não soube
Comprehender-te, de certo!
Viver n'elle não podias,
— Sempre só, sempre dezerto!—

Bom, virtuoso e modesto,
Sincero por excellencia,
Foi Deus servido doar-te
Não vulgar intelligencia!

Ai de mim que sinto n'alma
Da dôr, pungente expressão,
Sem que te ouça ditar-me
Palavras de animação!

Podesse romper da morte
O escuro intenso véo,
E qual na terra fazias —
— M'animares lá do céo!

Mas alfin entre mysterios
Que não se podem sondar,
Eu fallo e não me respondes
E só me é dado chorar!

Out'ora me dispensavas
Divinaes consolações,
Se de meo feito— a desgraça
—Matava as inspirações!

Hoje sozinho, sem guia
No velho mundo sou eu,
Té que por fim chegue a morte
E todos digão:— morreo!!.

Não importa! quero ainda
O morto mestre lembrar
E mais uma vez ao genio
Respeito immenso sagrar!

Nasceste imbelles no mundo
Animado e branco lyrio
E na frente de poeta
Singiste a flôr do martyrio!

Era sublime o teo estro,
Em qualquer dos cantos teos
Resumbrava a magestade
Do genio filho de Deos!

Ave branca peregrina
Do Céu à Terra baixaste,
Filha de Deus, — caprichosa
Do Pai ao seio tornastê!”

Desterro 13 de Outubro de 1869.

João Ribeiro de Carvalho.